

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**MICHELE PARABOCZ**

**O ESTUDO DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO URBANO: uma abordagem  
geográfica**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2020**

MICHELE PARABOCZ



**O ESTUDO DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO URBANO: uma abordagem geográfica**

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Astorga, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma Marlene Magnoli Bortoli

MEDIANEIRA

2020



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

O estudo da violência no espaço urbano: uma abordagem geográfica

Por

**Michele Parabocz**

Esta monografia foi apresentada às **10h40min do dia 19 de Setembro de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Astorga, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Marlene Magnoni Bortoli  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

---

Prof Me. Neron Alípio Cortez Berghauser  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof. Dr. Henry Charles Albert D. Naidoo Terroso de M. Brandão  
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico este trabalho ao meu filho Lucas  
Diovani Parabocz do Amaral, por seu  
apoio, amor da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por minha existência, pela fé e força para estruturar meus objetivos e para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pelo incentivo e pela confiança, durante o curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu filho, que diversas vezes me fortaleceu diante de tantos obstáculos.

A minha orientadora professora Ma. Marlene Magnoni Bortoli pelas orientações e apoio ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. (PAULO FREIRE)

## RESUMO

PARABOCZ, Michele. **O estudo da violência no espaço urbano: uma abordagem geográfica**. 2020. 43fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Este trabalho fez uma abordagem com o tema sobre a violência dentro do espaço urbano, com uma perspectiva geográfica. Exibe um breve conceito de espaço geográfico e violência e visa levar o leitor a compreender através dos dados estatísticos alguns tipos de violência praticados dentro da nossa sociedade brasileira, dando ênfase a cidade de Curitiba. Fez-se uma análise deste contexto dentro do ambiente escolar, levando a uma reflexão sobre o espaço geográfico e a violência urbana.

**Palavras-chave:** Cidade; Homicídio, Sociedade, Escola

## ABSTRACT

PARABOCZ, Michele. **The study of violence in urban space: a geographic approach**. 2020. 43fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

This work made an approach with the theme about the violence within urban space, with a geographic perspective. It presents a brief concept of geographic space and violence, aiming to lead the reader to understand, through statistical data, some types of violence practiced within our Brazilian society, emphasizing the city of Curitiba. It analyzes this context within the school environment, leading to a reflection on the geographic space and urban violence.

**Keywords:** City, Murder, Society, School



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Taxa de Homicídios no Brasil de 2007 a 2017.....	19
Gráfico 2 - Taxa de Homicídios por Regiões Brasileiras de 2007 a 2017.....	20
Figura 1 - Evolução de Homicídios nas Unidades de Federação.....	22
Figura 2 - Locais de Ocorrência de Crime em Curitiba.....	27
Gráfico 3 - Evolução de Homicídios, Comparação do Brasil com Estados de Maior Incidência.....	33

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Óbitos por Faixa Etária - 2017.....	20
Tabela 2 - Custo da Violência no Brasil - PIB.....	21
Tabela 3 - Número de Homicídios por Unidade de Federação 2007 a 2017.....	24
Tabela 4 - Bairros com Maior Índice de Homicídio Doloso em 2017.....	26
Tabela 5 - Número de Homicídios nas Capitais do Brasil - 2007 a 2017.....	28
Tabela 6 - Número de Mortes por Intervenção Pocial - 2016.....	31
Tabela 7 - Comparativo da Maior e Menor Taxa de Homicídios de Negros - 2006 a 2016.....	32
Tabela 8 - Frequência da Violência Escolar no Brasil Segundo a Natureza do Evento.....	35

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>14</b>
3.1 VIOLÊNCIA URBANA.....	14
3.2 VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL.....	16
3.2.1 Marginalidade na Sociedade – Suas Causas.....	17
3.2.2 Alguns Dados de Violência Urbana no Brasil.....	18
3.2.3 Violência em Curitiba.....	26
3.2.4 Violência Policial no Brasil.....	30
3.2.5 Violência Contra Negros.....	32
3.2.6 Violência Contra a Mulher.....	33
3.2.7 Violência nas Escolas.....	34
3.3 ESPAÇO GEOGRÁFICO - UM BREVE CONCEITO.....	36
3.3.1 Estratégias de Ensino em Geografia no Combate a Violência.....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre a violência no espaço urbano dentro de uma perceptiva geográfica, tem o intuito de levar os leitores a conhecer a trajetória da violência dentro do espaço ocupado por eles, compreendendo a definição de espaço dentro da geografia.

De acordo com a Declaração dos Direitos Humanos - DUDH no seu artigo I diz: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, 2009, p. 5), desta forma o estudo do tema amplia o conhecimento prévio, demonstrando através de um olhar do campo geográfico que todos os seres humanos têm estes direitos, e quando uma pessoa sofre uma violência, seu direito a segurança e a vida são violados.

A Declaração dos Direitos Humanos passa a ter relevância em 1948, quando ocorre uma Assembleia Geral das Nações Unidas onde “adotou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos” (2009, p.1), em seguida requisitou que fosse divulgado por todos os países-membros, essencialmente nas escolas.

Os direitos humanos adquiridos como uma força individual, se define no direito nacional e internacional não é uma expressão estagnada. Em níveis diferenciados o direito é uma linha de amparo para todas as pessoas, não se tratando de um monopólio para a elite, mas um instrumento de proteção aos menos favorecidos (DEVIN, 2002, p. 102-104 *apud* PIOVESAN, 2015).

A violência urbana sempre existiu tanto no campo como na cidade, porém apresentou-se de diferentes formas de acordo com o momento histórico vivido na sociedade, atingindo quase sempre aos menos favorecidos na população. Independente do agente causador da violência como: o bandido, Estado ou a classe dominante, deixam profundas marcas (COSTA, 1999).

A violência vista como um episódio social permite elucidar determinados fatos do grupo social, porque traz consigo características deste grupo que remete a um conhecimento das relações sociais (GULLO, 1998).

Esta pesquisa buscou abordar assuntos como a violência urbana na sociedade brasileira, compreendendo dentro destes contextos quais são os direitos humanos violados, sob uma perspectiva geográfica, apresentando através dos

índices de violência no Brasil, destacando a cidade de Curitiba e seus bairros, proporcionando uma reflexão sobre os Direitos Humanos e sua história.

Diante do exposto esta monografia teve como objetivo geral: Analisar a realidade sobre a violência no espaço geográfico, levando a uma reflexão sobre a violência urbana com uma perspectiva geográfica.

E como objetivos específicos buscaram-se:

- a) Perceber as principais violações dos direitos humanos dentro do espaço urbano;
- b) Citar as diversas violências urbanas presentes em nossa sociedade;
- c) Instigar a prática dos princípios dos direitos humanos como: respeito, solidariedade a fim de reduzir a violência no espaço urbano;
- d) Relatar os índices de violência abordando os conceitos dos direitos humanos, considerando a violência urbana com um olhar geográfico;
- e) Pesquisar estratégias de ensino em geografia no combate a violência.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia consiste na pesquisa exploratória, de caráter quantitativo, ao qual menciona alguns autores na temática com a publicação de livros e artigos, um dos principais autores mencionados nesta pesquisa é Cerqueira e outros, trazendo dados estatísticos da violência no espaço urbano no Brasil e Álvaro de Aquino e Silva Gullo que faz uma abordagem das causas da violência dentro deste espaço.

De acordo com Gil (2002, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, portanto a coleta dos dados foram selecionados a partir de livros, artigos, revistas científicas, buscadas pelo tema na base do banco de dados de análise de território como o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), SciELO (Scientific Electronic Library Online, acervo de universidades como: UFPR - Universidade Federal do Paraná, UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UCS - Universidade de Caxias do Sul, USP - Universidade de São Paulo, jornal Gazeta do Povo, e Google acadêmico.

Para a análise dos dados apresentados, foi selecionado amostras dos principais resultados coletados, análise quantitativa dos índices determinado dos tipos de violência das capitais, das unidades de federação estados e por gênero, tabulados pelo excel (GIL, 2002, p.50).

Foi realizada a leitura das bibliografias escolhidas para aprofundamento do tema abordado, e sobre os tipos de leitura Gil (2002, p.77) aponta os seguintes tipos de leitura:

- a) Exploratória: Apontar a relevância das bibliografias escolhidas;
- b) Seletiva: Separar o material que de fato é importante para a pesquisa;
- c) Analítica: Organizar as informações para obter as respostas;
- d) Interpretativa: Obter significado nas respostas da leitura analítica.

Os dados coletados durante a pesquisa, foram de grande relevância para alcançar os resultados estatísticos.

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 VIOLÊNCIA URBANA

Compreender o conceito de violência pode ser complexo, pois implica diversos fatores que incorporam as diversas formas da prática da violência (MODENA, 2016).

O termo violência vem da palavra do latim cuja nomenclatura é *violentia*, “expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado a força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos” (MODENA, 2016 p.8).

A violência vista como um episódio social, permite elucidar determinados fatos do grupo social porque traz consigo características deste grupo que remete a um conhecimento das relações sociais (GULLO, 1998).

A violência urbana sempre existiu tanto no campo como na cidade, porém apresentou-se de diferentes formas de acordo com o momento histórico vivido na sociedade, atingindo quase sempre aos menos favorecidos na população. Independente do agente causador da violência como: o bandido, Estado ou a classe dominante deixam profundas marcas (COSTA, 1999).

Segundo Soares (2014, p.166) “presente durante o processo de colonização, a violência sempre esteve inserida nas relações instituídas entre a metrópole e a colônia”, construída uma relação de domínio e exploração na cultura colonial, que se iniciou com os povos indígenas e se alastrou com a escravização dos negros.

Nas cidades brasileiras o clima de medo e caos inicia-se por volta dos anos 1990, diante de crimes brutais, homicídios e assaltos realizados com frieza pelos criminosos (COSTA, 1999).

Quando os crimes são realizados pelo Estado, se torna ainda mais revoltante, como afirma Costa:

O debate sobre a violência assume novas proporções quando se volta o foco da análise para o Estado brasileiro, que, tradicionalmente, alinhou-se aos interesses dos grupos dominantes. Quase diariamente, ele é responsabilizado pelo envolvimento de seus agentes em atos de violência e

arbitrariedades contra a população, sendo que muitos deles fazem parte de quadrilhas de criminosos e grupos de extermínio (COSTA, 1999, p.4).

Ao se analisar o que ocorre dentro das penitenciárias, ficará evidente os traços de violência de poder sobre os aprisionados, em um país em que se fala de democracia, os graus de crueldade estão cada vez mais altos. As violências cometidas, sejam elas “por policiais, bandidos ou gangues provoca debates acalorados entre a população” (COSTA, 1999, p.4). Ações ilegais merecem medidas duras para todos que praticam o crime.

Que relação essa violência tem com a sociedade atual, e a sociedade brasileira recebe alguma atenção? Os massacres cometidos pelo Estado através de seus agentes durante sua atuação profissional, demonstram “a incapacidade do Estado brasileiro de coibir as ações ilegais e arbitrárias de seus funcionários” (COSTA, 1999, p.4). Por outro lado, observa-se crimes de ódio, atos desumanos, situações de violência.

Estes crimes bárbaros não são cometidos apenas pelos agentes do Estado, mas pela sociedade, quando jovens ateam fogo em pessoas indefesas como os moradores de ruas que dormem na beira das calçadas. A ideia que se tem é que os agressores não veem suas vítimas como seres humanos, fazendo delas espetáculos de crime de ódio (COSTA, 1999).

A violência é parte das relações que compõem a sociedade e, conseqüentemente, segundo Roberto DaMatta (1982), sua condição de “normalidade” é precisamente o fato de ser reprimida e evitada. Se é um fato universal, teremos que tomar como ponto de partida suas singularidades e seus modos específicos de manifestação em cada sistema com seus valores, ideologias e configurações que se combinam concretamente em situações históricas particulares. Dessa perspectiva, a violência é inerente às relações sociais e varia de acordo com a particularidade dessas relações em diferentes grupos e sociedades historicamente considerados (GULLO, 1998, p.106).

A sociedade incorpora-se numa sucessão social, respondendo sobre ao sistema de dominante e dominador, reproduzindo as relações sociais que foi sendo elaborado, resultando no sistema legal e judicial do próprio sistema social. Em contrapartida, o senso comum refere-se a violência como sendo parte de experiências vivenciadas pelo ser humano, ou seja, situações concretas e não situações políticas e econômicas (GULLO, 1998).

Segundo Gullo (1998), são 3 itens que determinam a violência urbana:



- ✓ É um acontecimento social característico da sociedade independentemente do tipo;
- ✓ O modelo que se revela demonstra o tipo de sociedade;
- ✓ A violência ocorre com os próprios estímulos da sociedade.

Uma violência alimentada pelo descrédito social, se corrompendo e seguindo para o caminho da criminalidade, este homem formado pelo sistema, sem uma consciência sobrevive através da cultura violenta. Este mesmo homem é resultado de uma sociedade egoísta e competitiva (COSTA, 1999).

### 3.2 VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL

No Brasil existe uma crescente nos índices de violência praticados por jovens, entre 12 e 21 anos. O uso da violência contra crianças e adolescentes como: a exploração do trabalho infantil, negligência, maus tratos, exploração sexual, já ocorre há tempos (ABREU, 2012).

Quando a violência praticada é de origem doméstica, o agressor por sua vez durante sua infância foi vítima de violência com um lar desestruturado, refletindo agora em seu próprio lar, trazendo consigo condutas criminosas presenciadas em seu meio familiar (ABREU, 2012).

Existe na sociedade urbana uma grande diversidade de crimes relacionados as questões sociais, como por exemplo: adolescentes de baixa renda que praticam roubos, usuários de drogas, abandonados a margem da sociedade, porém os crimes também estão presentes entre os jovens da classe média (ABREU, 2012).

Entende-se por violência urbana todo o comportamento de agressão ou de transgressão de um conjunto de normas, valores, princípios, 'formas de pensar, sentir e agir', traços culturais, entre outros, que são impingidos desde a socialização primária e encontram-se contextualizados em determinada situação social alvorotada. A prática deste comportamento permite perceber a dinâmica das relações sociais enquadradas num tecido social conflitual. O último constitui e está inscrito em todos os campos da vida social: psíquico, físico, emocional, econômico, sexual, laboral, etc. De todo o modo, a violência urbana atinge quer a dimensão individual ou psicologizante quer a social ou sociologizante. Ambas se complementam no quadro que versam. Daí não existir formas isoladas de comportamentos alheios, ilegítimos e transgressores na dita 'sociedade civil' que compõem, explicam e compreendem o fenômeno da violência urbana, nem tão pouco

ações de natureza atômica que afetam o todo social (FERREIRA 2008 apud ABREU, 2012, p. 15).

As manifestações da violência urbana ocorrem de formas diferentes e variam de acordo com a cultura social, desta forma as causas que refletem essa violência está além do lugar e espaço, assim podemos entender que ela é resultado da falta de igualdade para todos os cidadãos (ABREU, 2012).

O artigo VII da DDH declara que “Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. [...] (Declaração dos Direitos Humanos, 2009, p. 6).

### 3.2.1 Marginalidade na Sociedade – Suas Causas

O drama da vida urbana conduz ao comportamento marginalizado, os indivíduos que cometem crimes como: roubar, matar e atacar, determinam um tipo de marginalidade que reflete a uma resposta frente as contradições na sociedade urbana.

Esses marginais urbanos, vistos como criminosos pelo Estado, se encontram impossibilitados de integração na sociedade urbana porque são considerados perturbadores da ordem institucional. Formam grupos, bandos ou gangs e geralmente habitam cortiços e favelas. [...] um fenômeno universal na história das sociedades que se baseiam no capital como forma de organização do mercado, da mercadoria, da tecnologia, da força de trabalho, do lucro e da acumulação de capital. A marginalidade é um reflexo de situações semelhantes que ocorrem nessas sociedades e pode se manifestar através de grupos bem armados e bem organizados de acordo com a tecnologia utilizada pela sociedade. Ocorre como parte integrante da dicotomia entre capital e trabalho que consolida o capitalismo industrial nas relações de produção (GULLO, 1998, p.110).

Segundo Gullo (1998), o meio social impõe determinadas condições, e podemos destacar alguns fatores que causam a marginalidade no espaço urbano:

- ✓ Falta de formação, família desestruturada, condições precárias de moradia, estes indivíduos não conseguem se inserir dentro do mercado de trabalho, pois não possuem as condições necessárias para evoluir com o mercado;
- ✓ Mão-de-obra desqualificada e que se devota a ocupações irregulares ou ilegais;

- ✓ Trabalhos com remuneração muito baixa ou o desemprego como refugio da evolução econômica;
- ✓ A divisão social estabelecida pelas classes sociais, bem como o status e a posição social ocupado pela cultura, riqueza, estilo de falar e vestir etc;
- ✓ Tecnologia da comunicação, onde o comunicador possui poder e acesso a diversas fontes de informação enquanto o receptor apenas recebe o que foi informado. Tornando-se um meio dominador com manobras de poder.

Desta forma pode-se compreender que a violência urbana é um reflexo do sistema social com a variação do processo de desenvolvimento econômico e político do sistema capitalista (GULLO, 1998).

### 3.2.2 Alguns Dados de Violência Urbana no Brasil

A violência urbana no Brasil ocupa as notícias na mídia, o que gera profunda insegurança na população, resultado da desestruturação da sociedade. As mortes violentas causam óbitos prematuros, principalmente na população masculina (CHESNAIS, 1999).

No Brasil, a violência toma grandes proporções, o que outrora fazia parte apenas das grandes metrópoles, agora as pequenas cidades estão inseridas dentro deste contexto, na medida que o crime cresce ele procura novos locais. Com a dificuldade dos governantes em frear o crescimento da violência, a desestruturação da sociedade alimenta o sistema, com a desigualdade social, baixa renda, sendo agora um problema de todas as cidades do país (ABREU, 2012).

Segundo Soares (2014), a violência presente na sociedade brasileira, viola os direitos humanos e a própria democracia.

O acúmulo social da violência no Brasil, e sua expressão contemporânea, não corrói apenas os direitos humanos, como põe em risco o projeto democrático de nação. Atualmente, os elevados índices de criminalidade da sociedade brasileira são expressos não apenas nos grandes centros urbanos; sua evolução também é presente nas mais pacatas localidades do interior do país, vitimizandando sobretudo adolescentes e jovens, que têm sua integridade violada, projetos desfigurados, frustrações, e até mesmo a vida interrompida (SOARES, 2014, p. 184).

De acordo com Cerqueira, et al., (2019a, p.5), no ano de 2017 no Brasil ocorreu 65.602 homicídios, mantendo-se uma crescente nos últimos anos, pode-se observar no Gráfico 1.

**Gráfico 1: Taxa de Homicídios no Brasil de 2007 a 2017.**



Fonte: Cerqueira et al., (2019a, p.5).

Segundo Chesnais (1999, p.54) “o homicídio intencional é, entre os homens, a primeira causa de óbitos em termos de potencial de vida perdidos”. Questões sociais também envolvem os índices de homicídios, como o desemprego, e a fome, que levam a criminalidade pela vida precária da população.

De acordo com Gullo (1998, p. 106), “a visão do senso comum ou popular aborda a violência como um mecanismo que resulta da experiência diária das pessoas”, ou seja, é o resultado das experiências sociais de injustiça e moral que contra o ser humano.

Com relação na Tabela 1, fica evidente que o maior índice de homicídios está na faixa etária de 15 a 19 anos, ou seja, na população de jovens masculinos, o que corresponde a 59,1% do total de óbito. Com o crescente de óbitos de jovens e o aumento da população idosa, surge impactos no desenvolvimento social e econômico do país.

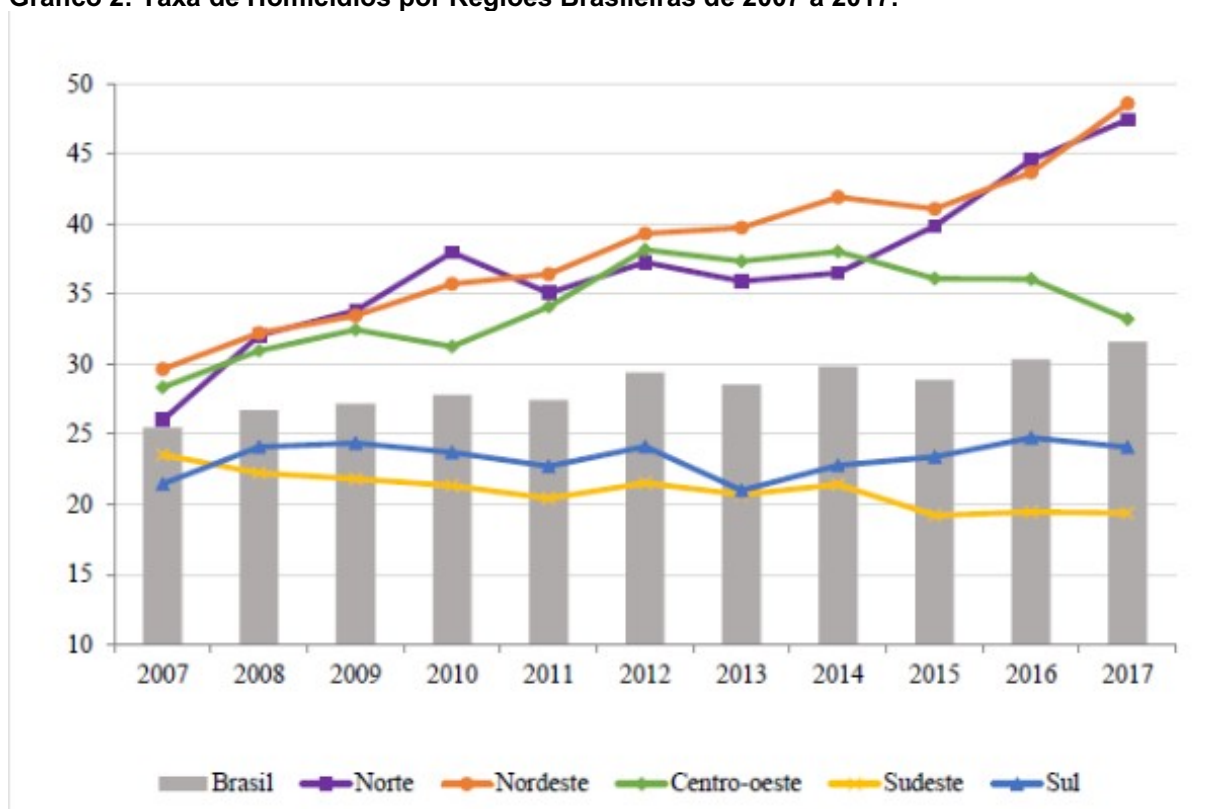
Tabela 1: Óbitos por Faixa Etária – 2017 (em %).

Faixa etária	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69
Masculino	18,4	59,1	55,7	45,1	35,3	23,9	14,3	8,2	4,5	2,5	1,4	0,8
Feminino	7,4	17,4	15,5	12,2	8,8	5,2	3,0	1,6	1,0	0,5	0,3	0,2
Total	14,1	51,8	49,4	38,6	28,6	18,2	10,5	5,8	3,2	1,7	0,9	0,5

Fonte: Adaptada de Cerqueira et al., (2019a, p.6).

Os resultados dos homicídios nas regiões brasileiras tem uma crescente considerável nos dois últimos anos nas regiões Norte e Nordeste, enquanto o Centro-Oeste apresenta uma queda no último ano, o Sul apresentou uma baixa mínima e o Sudeste se manteve estável, observa-se maiores detalhes no Gráfico 2 (CERQUEIRA et al., 2019a, p. 7).

Gráfico 2: Taxa de Homicídios por Regiões Brasileiras de 2007 a 2017.



Fonte: Cerqueira et al., (2019a, p.7).

De acordo com Soares (2014, p.185) quando um país investe na segurança pública ele investe também nos direitos humanos como um direito do cidadão, propagando uma cultura de paz, cabendo as instituições sociais bem como as comunidades de participar desse processo.

A violência no país gera redução no acúmulo do capital humano e monetário, gerando problemas de cunho social e econômico para a nação. O alto custo do Estado para manter a segurança, direcionar custos com saúde, pagamento de pensões, aposentadorias para as vítimas de violência, e a sociedade pagar mais alto pelos produtos que consome, são alguns dos problemas econômicos que se apresentam diante deste cenário, com uma média de 5,9% do PIB como visto na Tabela 2 (CERQUEIRA et al., 2019a, p. 12).

**Tabela 2: Custo da Violência no Brasil – PIB**

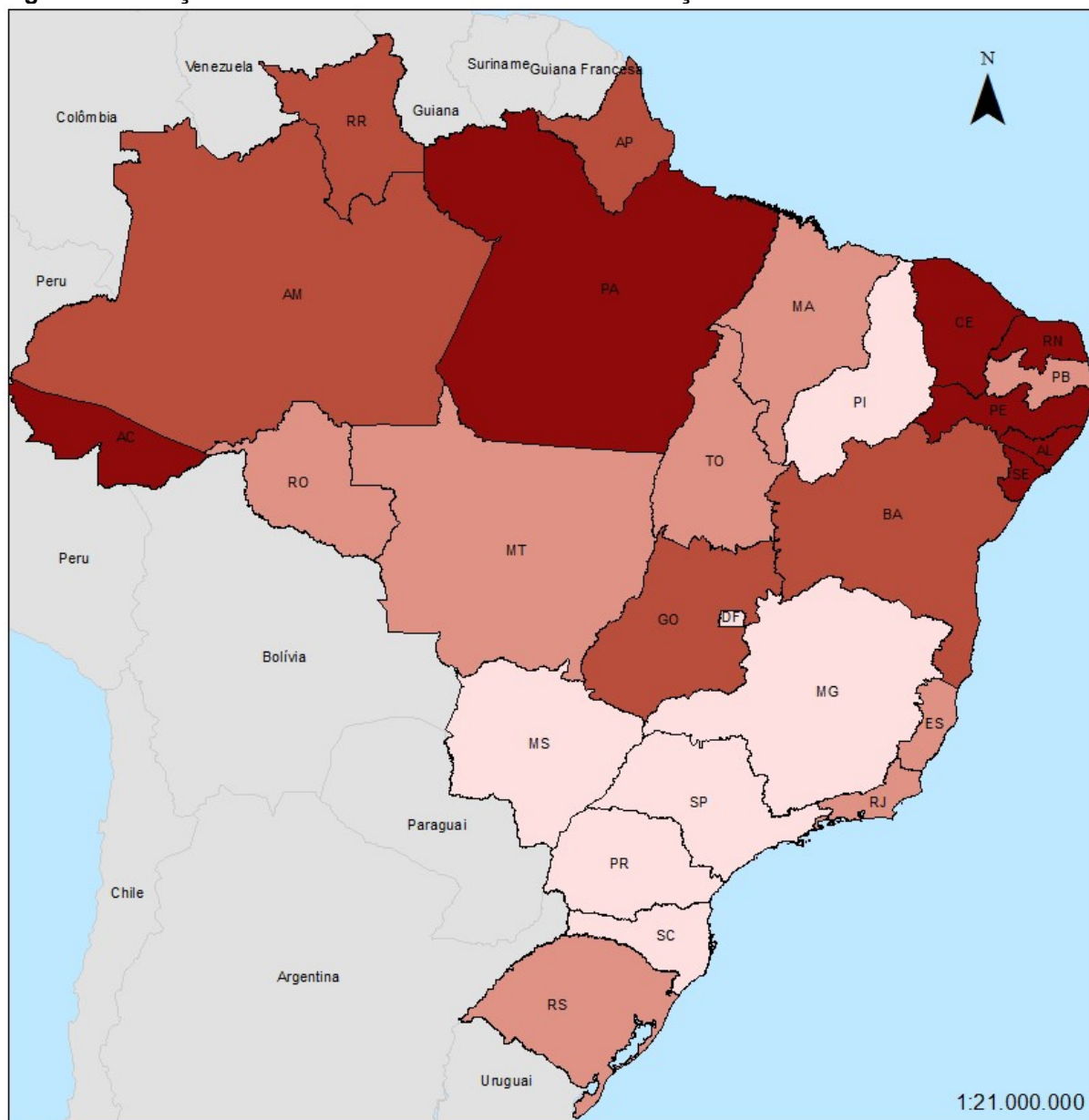
<b>Componente</b>	<b>Ano de Cálculo</b>	<b>Percentual do PIB</b>	<b>Bilhões de R\$ (PIB 2016)</b>
Custos privado (I)		4,2%	262
Custos intangíveis com homicídios *	2012	2,5%	157
Gastos com segurança privada e seguros	2004	1,7%	105
Despesas públicas (II)		1,7%	111
Sistema de Saúde	2003	0,1%	9
Segurança pública (polícia)	2015	1,4%	88
Sistema prisional**	2013	0,2%	14
Custo da violência no Brasil (I + II)		5,9%	373

**Fonte: Adaptada de Cerqueira et al., (2019a, p.12).**

Segundo Soares (2014, p.173) “o acúmulo social da violência na sociedade brasileira consolida-se ao mesmo tempo que se expande na contemporaneidade”. Os índices de violência alcançados demonstram a veracidade do fenômeno, ou seja, ocorre aumento nos índices de violência na sociedade atual, resultantes de uma sociedade fundada através da violência.

A Figura 1 apresenta a variação dos índices entre 2016 e 2017 na taxa de homicídios nas Unidades Federativas, onde quinze destas apontam uma redução em seus indicadores, cinco Estados obtiveram aumento inferior a 10%, em contrapartida em outras sete Unidades Federativas houve uma crescente de 10% na taxa de homicídios (CERQUEIRA et al., 2019a, p. 14).

Figura 1: Evolução de Homicídios nas Unidades de Federação.



#### LEGENDA

##### Taxade homicídios por UF em 2017

10 - 24,9
25 - 38,9
39 - 48,9
49 - 62,9

##### Área do mapa

Área desconsiderada

0 262,5 525 1.050 Km

Coordinate System: SIRGAS 2000 UTM  
Datum: SIRGAS 2000

##### Localização do Brasil na América do Sul



Ao se observar a Tabela 3, algumas considerações com relação as taxas de homicídios podem ser destacadas (CERQUEIRA et al., 2019a, p. 18):

- ✓ O Estado do Ceará apresenta a maior ampliação na taxa de homicídio em 2017, destas são contra jovens e adolescentes, contra mulheres (fruto do uso de entorpecentes e conflitos interpessoais). A forte presença de facções criminosas, tem colaborado para estes resultados, não somente nos presídios, mas também em bairros;
- ✓ O Estado do Acre está em uma crescente nos casos de homicídios, estima-se que isso se deve a guerra de facções por novas rotas de narcotráfico na região, destaca-se principalmente três destas facções: PCC, CV, e o Bonde dos treze, a droga é transportada por meio fluvial e na sequência terrestre, chegando as periferias que travam batalhas pelo comando do tráfico;
- ✓ O Amazonas retratava índices abaixo da média no país em seus casos de homicídio, mas estes índices subiram na última década, aumentando a prevalência de crimes nas regiões metropolitanas e cidades do interior, por sua posição geográfica o transforma em alvo para a logística de facções criminosas como o PCC e a Família do Norte;
- ✓ Pernambuco apresenta um aumento de 21,0% mantendo o Estado em crescimento no número de óbito desde 2014;
- ✓ O Espírito Santo apresentou aumento em 2017 no número de óbitos, que pode ter relação com a greve policial que teve a duração de 22 dias, que culminou em 219 mortes;
- ✓ Rio Grande do Norte obteve uma das mais altas taxas no país com um percentual de + 17,7%, o acampamento de policiais e bombeiros teve a duração de 14 dias sendo uma forma de protesto por baixos salários. A condução inadequada de políticas públicas não apenas nas questões fiscais, mas de uma política clara e eficaz na segurança; desta forma o crime organizado e a segurança pública, são os responsáveis pelo aumento destes dados;
- ✓ Rondônia se destaca com taxas positivas, sendo o Estado que obteve uma redução de 22,0%; o Distrito Federal foi o segundo colocado com redução do índice em 2017, São Paulo continua apresentando queda e Sergipe obteve uma redução em 2017 de 11,3%.



Tabela 3: Número de Homicídios por Unidade de Federação – 2007 a 2017

(continua)

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	48.219	50.659	52.043	53.016	52.807	57.045	57.396
Acre	137	133	153	165	164	208	234
Alagoas	1.836	1.887	1.873	2.087	2.244	2.046	2.148
Amapá	172	210	190	260	209	253	225
Amazonas	715	830	916	1.082	1.292	1.344	1.191
Bahia	3.659	4.819	5.432	5.844	5.549	6.148	5.694
Ceará	1.933	2.019	2.165	2.688	2.792	3.841	4.473
Distrito Federal	711	812	882	786	902	954	837
Espírito Santo	1.877	1.947	1.985	1.792	1.672	1.667	1.622
Goiás	1.521	1.792	1.902	1.979	2.272	2.793	2.975
Maranhão	1.127	1.277	1.398	1.519	1.591	1.777	2.163
Mato Grosso	889	937	1.000	972	1.009	1.074	1.158
Mato G. do Sul	710	699	725	656	673	683	630
Minas Gerais	4.125	3.889	3.742	3.646	4.262	4.562	4.717
Pará	2.194	2.860	2.989	3.521	3.073	3.236	3.405
Paraíba	864	1.029	1.263	1.455	1.614	1.525	1.551
Paraná	3.105	3.445	3.698	3.586	3.376	3.489	2.936
Pernambuco	4.557	4.446	3.963	3.473	3.471	3.327	3.124
Piauí	383	361	385	411	440	525	598
Rio de Janeiro	6.551	5.662	5.365	5.667	4.781	4.772	5.111
Rio G. Norte	589	714	800	810	1.054	1.124	1.447
Rio G. do Sul	2.199	2.380	2.242	2.085	2.077	2.382	2.322
Rondônia	432	480	538	546	540	526	483
Roraima	116	105	118	121	95	144	214
Santa Catarina	632	802	820	823	811	821	789
São Paulo	6.437	6.332	6.557	6.039	5.842	6.566	6.035
Sergipe	522	555	653	676	731	879	965
Tocantins	226	237	289	327	361	379	349

(conclusão)

	Número de Homicídios				Variação %		
	2014	2015	2016	2017	2007 a 2017	2012 a 2017	2016 a 2017
Brasil	60.474	59.080	62.517	65602	36,1%	15,0%	4,9%
Acre	232	217	363	516	276,6%	148,1%	42,1%
Alagoas	2.085	1.748	1.820	1.813	-1,3%	-11,4%	-0,4%
Amapá	256	293	381	383	122,7%	51,4%	0,5%
Amazonas	1.240	1.472	1.452	1.674	134,1%	24,6%	15,3%
Bahia	6.052	6.012	7.171	7.487	104,6%	21,8%	4,4%
Ceará	4.626	4.163	3.642	5.433	181,1%	41,4%	49,2%
Distrito Federal	843	742	760	610	-14,2%	-36,1%	-19,7%
Espírito Santo	1.609	1.450	1.270	1.521	-19,0%	-8,8%	19,8%
Goiás	2.887	2.997	3.036	2.901	90,7%	3,9%	-4,4%
Maranhão	2.462	2.438	2.408	2.180	93,4%	22,7%	-9,5%
Mato Grosso	1.358	1.203	1.180	1.102	24,0%	2,6%	-6,6%
Mato G. do Sul	700	634	671	659	-7,2%	-3,5%	-1,8%
Minas Gerais	4.724	4.532	4.622	4.299	4,2%	-5,8%	-7,0%
Pará	3.446	3.675	4.223	4.575	108,5%	41,4%	8,3%
Paraíba	1.551	1.522	1.355	1.341	55,2%	-12,1%	-1,0%
Paraná	2.980	2.936	3.080	2.759	-11,1%	-20,9%	-10,4%
Pernambuco	3.358	3.847	4.447	5.419	18,9%	62,9%	21,9%
Piauí	717	650	701	626	63,4%	19,2%	-10,7%
Rio de Janeiro	5.718	5.067	6.053	6.416	-2,1%	34,5%	6,0%
Rio Grande Norte	1.602	1.545	1.854	2.203	274,0%	96,0%	18,8%
Rio G. do Sul	2.724	2.944	3.225	3.316	50,8%	39,2%	2,8%
Rondônia	578	600	703	554	28,0%	5,3%	-21,2%
Roraima	158	203	204	248	113,8%	72,2%	21,6%
Santa Catarina	905	957	984	1.066	68,7%	29,8%	8,3%
São Paulo	6.185	5.427	4.870	4.631	-28,1%	-29,5%	-4,9%
Sergipe	1.097	1.303	1.465	1.313	151,5%	49,4%	-10,4%
Tocantins	381	503	577	557	146,5%	47,0%	-3,5%

Fonte: Adaptada de Cerqueira, et al., (2019a, p.24).

### 3.2.3 Violência em Curitiba

Com a população da cidade de Curitiba em crescente expansão e com o planejamento urbano e sua infraestrutura que apresentava, atraiu muitos moradores e a violência também apresentou crescimento. No entanto, a cidade começou a apresentar desigualdades sociais expandindo também para a região metropolitana (ABREU, 2012).

Segundo dados do IPPUC (2015), a cidade de Curitiba possui um índice de 42,81 homicídios por 100.000 habitantes em relação aos dados coletados em 2010.

Segundo Albuquerque (2018), a cidade de Curitiba apresentou uma redução de homicídios dolosos, enquanto no ano de 2016 foram 468 vítimas, em 2017 foram 379 resultando em uma queda de 19%. Os bairros com maior índice de violência com base nos dados levantados são: Cidade Industrial, Tatuquara e Sítio Cercado, representando 33% dos homicídios dolosos da cidade de Curitiba, estes dados podem ser observados na Tabela 4 e na Figura 2 pode-se observar as causas de maior incidência de homicídios por bairros na cidade.

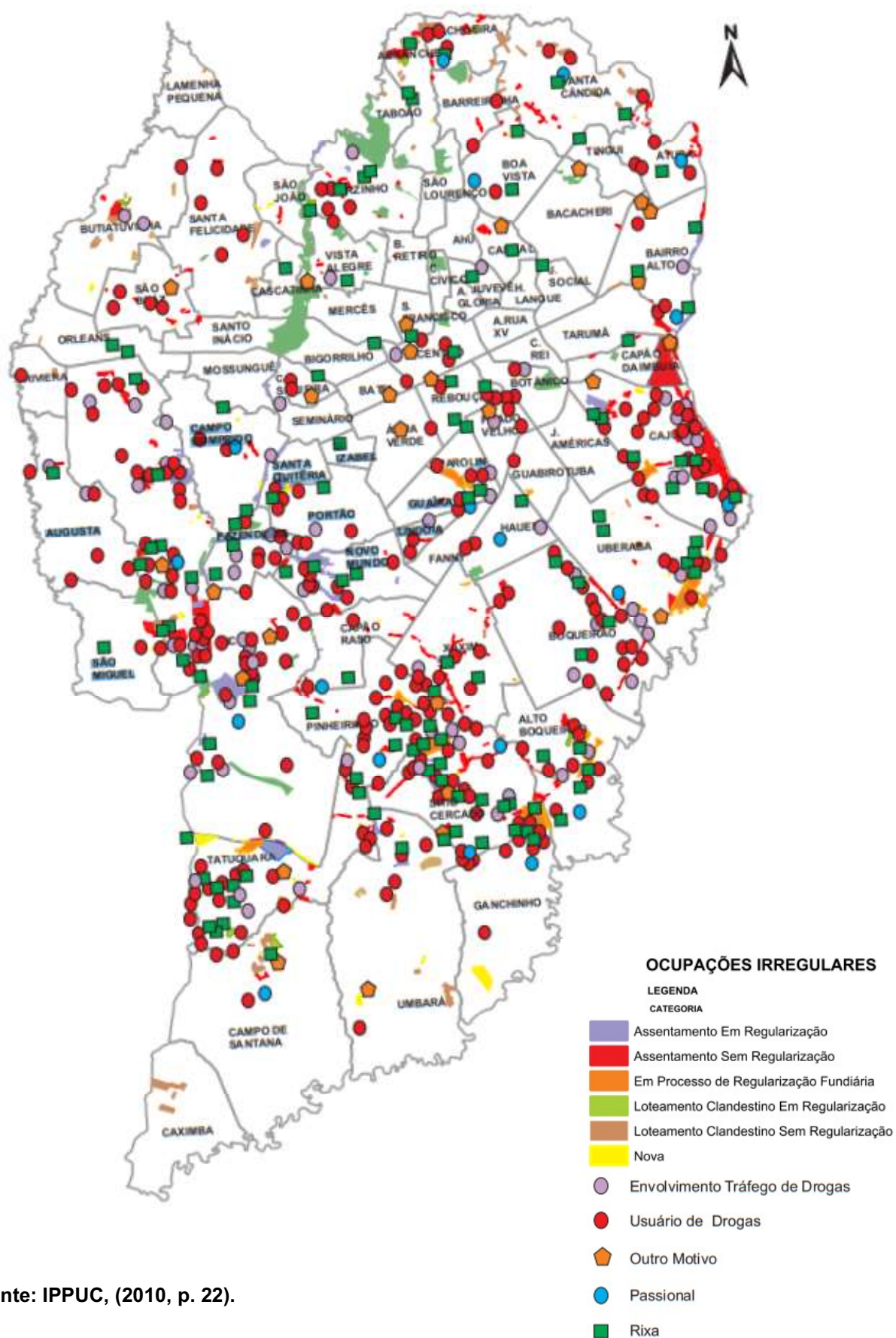
**Tabela 4: Bairros com Maior Índice de Homicídio Doloso em 2017.**

Bairros	Homicídio	Latrocínio	Lesão seguida de morte
CIC	68	2	1
Tatuquara	33	0	0
Sítio Cercado	23	0	0
Pinheirinho	17	0	1
Alto Boqueirão	14	1	0
Cajuru	13	0	1
Boqueirão	13	0	0
Uberaba	12	0	0
Novo Mundo	11	0	0
Bacacheri	10	2	0
<b>Curitiba</b>	<b>379</b>	<b>11</b>	<b>9</b>

Fonte: Adaptada de SESP – Infografia Gazeta do Povo, 2019.

Na Figura 2 ainda se observa que a maior parte dos homicídios são de usuários de drogas, envolvimento com o tráfico de drogas, ou pelo desencadeamento de rixas.

Figura 2: Locais de Ocorrência de Crime em Curitiba – 2010.



Fonte: IPPUC, (2010, p. 22).

Na Tabela 5 pode-se observar as taxas de homicídios nas capitais brasileiras, o índice em 2017 ficou entre 13,2 e 87,9 mortes por 100 mil habitantes.

**Tabela 5: Número de Homicídios nas Capitais do Brasil – 2007 a 2017.**

(continua)

Taxa estimada de homicídios								
UF	Capital	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
CE	Fortaleza	39,9	38,3	40,1	53,8	57,8	80,0	88,5
AC	Rio Branco	33,1	26,3	31,8	30,2	23,5	29,0	38,3
PA	Belém	37,0	52,7	49,4	65,3	49,8	56,4	60,2
RN	Natal	44,4	46,7	52,4	40,4	52,5	59,7	63,6
BA	Salvador	54,9	74,8	80,6	77,1	67,2	72,5	56,9
AL	Maceió	92,4	101,0	87,1	98,6	97,2	80,0	83,3
PE	Recife	75,4	72,6	66,4	55,9	56,6	52,7	43,7
SE	Aracaju	27,3	28,0	31,0	29,4	33,4	44,0	47,2
AM	Manaus	34,0	38,2	43,3	47,4	56,9	56,1	44,0
AP	Macapá	34,6	40,0	31,5	45,5	31,3	38,3	33,6
RR	Boa Vista	27,1	30,4	31,8	32,7	21,3	32,9	46,6
RS	Porto Alegre	42,4	41,1	35,5	34,3	34,5	39,2	37,1
MA	São Luís	34,8	37,5	45,1	46,9	48,3	55,1	75,6
GO	Goiânia	30,1	37,7	35,0	32,1	41,4	47,9	47,7
PI	Teresina	24,0	23,6	24,3	25,5	30,2	36,9	43,7
PB	João Pessoa	49,3	50,1	61,0	68,4	76,2	66,3	63,4
RO	Porto Velho	49,1	39,5	43,7	49,2	40,1	43,3	38,3
RJ	Rio de Janeiro	63,8	50,9	50,5	37,9	35,2	31,5	30,7
TO	Palmas	14,1	14,8	18,3	21,4	27,4	19,8	25,4
ES	Vitória	60,4	59,7	53,1	50,0	43,9	40,2	39,9
SC	Florianópolis	20,9	24,5	20,5	23,0	19,7	14,4	13,0
MT	Cuiabá	45,5	43,0	44,5	41,4	47,5	46,0	43,5
MG	Belo Horizonte	49,4	41,9	39,2	35,2	41,8	39,6	38,9
PR	Curitiba	39,8	43,8	42,8	44,8	39,6	35,5	31,2
DF	Brasília	29,5	32,4	34,2	31,1	35,2	36,7	30,9
MS	Campo Grande	35,4	26,1	28,1	24,2	22,6	23,2	19,8
SP	São Paulo	24,7	21,5	22,1	20,4	18,5	20,3	17,6

**(conclusão)**

Taxa estimada de homicídios						Variação %		
UF	Capital	2014	2015	2016	2017	2007 a 2017	2012 a 2017	2016 a 2017
CE	Fortaleza	86,7	74,7	51,9	87,9	120,1	9,9	69,5
AC	Rio Branco	41,4	34,2	63,1	85,3	157,4	194,1	35,2
PA	Belém	59,0	61,5	76,7	74,3	101,1	31,8	-3,1
RN	Natal	66,4	58,2	67,9	73,4	65,3	22,9	8,1
BA	Salvador	56,1	57,9	60,9	63,5	15,6	-12,4	4,3
AL	Maceió	73,7	56,7	55,4	60,2	-34,8	-24,7	8,7
PE	Recife	39,4	46,3	50,2	58,4	-22,5	10,9	16,4
SE	Aracaju	47,7	60,7	74,6	54,6	110,3	30,4	-23,0
AM	Manaus	45,6	55,3	48,2	55,9	64,5	-0,4	16,1
AP	Macapá	41,5	41,7	56,2	54,1	56,6	41,5	-3,6
RR	Boa Vista	36,0	40,9	39,5	48,9	80,6	48,6	23,7
RS	Porto Alegre	46,2	47,5	56,8	47,0	10,7	19,9	-17,3
MA	São Luís	82,9	72,8	58,1	46,9	34,7	-14,8	-19,2
GO	Goiânia	50,4	49,2	42,6	40,7	35,3	-15,0	-4,5
PI	Teresina	54,0	43,2	45,5	39,4	64,0	6,8	-13,4
PB	João Pessoa	59,2	59,7	44,6	38,9	-21,0	-41,2	-12,8
RO	Porto Velho	36,3	41,8	44,4	36,0	-26,6	-16,7	-18,8
RJ	Rio de Janeiro	26,7	27,7	33,4	35,6	-44,1	12,9	6,7
TO	Palmas	33,5	36,1	36,4	33,5	137,3	69,0	-8,1
ES	Vitória	45,1	28,6	21,4	30,6	-49,3	-23,7	43,1
SC	Florianópolis	14,5	13,2	17,6	30,0	43,7	108,2	70,9
MT	Cuiabá	49,2	46,2	39,0	28,8	-36,9	-37,5	-26,3
MG	Belo Horizonte	35,0	27,2	29,1	26,7	-46,1	-32,7	-8,4
PR	Curitiba	35,0	29,8	30,5	24,6	-38,2	-30,6	-19,4
DF	Brasília	30,7	26,8	26,5	20,5	-30,4	-44,1	-22,4
MS	Campo Grande	24,9	22,2	26,4	18,8	-47,1	-19,2	-28,9
SP	São Paulo	19,0	16,1	13,5	13,2	-46,4	-35,0	-2,0

Fonte: Adaptada de Cerqueira, et al., (2019b, p.12).

Na Tabela 5 observa-se a cidade de Curitiba que no ano de 2016 à 2017 houve uma queda de 19,4%, mas em se tratando de 2007 para 2017 a taxa fica em

38,2%, confirmando que a cidade vem apresentando queda nas taxas de homicídios (CERQUEIRA et al., 2019b, p. 13).

### 3.2.4 Violência Policial no Brasil

Existem duas fontes de dados o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e os registros policiais, elas se divergem em torno de 67,5 %, essa diferença ocorre em decorrência do atendimento, enquanto o registro da polícia registra a ocorrência o perito do Instituto Médico Legal, não recebe a mesma informação, muitas vezes classificando o óbito por agressão (CERQUEIRA et al.,2018).

Desta forma, é necessários fonte confiáveis para mensuração dos dados reais. Pois frequentemente a polícia tem sido responsabilizada de violar os direitos humanos (CERQUEIRA et al.,2018).

Para além das diferenças metodológicas entre as duas fontes, o fato é que o uso da força pelos agentes estatais é um tema central para a democracia brasileira, já que frequentemente as polícias brasileiras têm sido acusadas de violações de direitos e de serem violentas, o que reforça a necessidade de registros fidedignos para mensuração do fenômeno (CERQUEIRA et al., 2018, p.28).

O policial tem o direito de utilizar a força física, mas isto dentro dos parâmetros legais, onde garante a sua proteção e a do indivíduo. Porém existe uma linha tênue entre a força permitida e a ilegal que fere os direitos humanos (CERQUEIRA et al.,2018).

De acordo com Abreu (2012, p.18), a inibição à violência pela força policial ocorre com maior veemência na periferia, local este interpretado como aglomerador da violência. Os bairros localizados na periferia não os tornam violentos pela pobreza, mas por possuírem um acúmulo maior de pessoas.

Na Tabela 6 observa-se que os dados do SIM apontam para 1.374 vítimas, enquanto que no Anuário Brasileiro de Segurança pública foram registrados 4.222 vítimas no ano de 2016 por mortes em decorrência de intervenção policial, nestas fontes apresentam-se uma distorção de 67,5% na incoerência dos dados, podendo levar a um equívoco dentro da análise destes dados (CERQUEIRA et al.,2018).

**Tabela 6: Número de Mortes por Intervenção Policial – 2016.**

Brasil e Unidade da Federação	Mortes Decorrentes de Intervenção Policial		
	Número absoluto		Variação
	FBSP	SIM	Percentual
Brasil	4.222	1.374	-67,5%
Acre	25	-	-
Alagoas	108	-	-
Amapá	59	-	-
Amazonas	37	-	-
Bahia	457	364	-20,4%
Ceará	109	5	-95,4%
Distrito Federal	7	2	-71,4%
Espírito Santo	50	3	-94,0%
Goiás	209	9	-95,7%
Maranhão	127	-	-
Mato Grosso	15	1	-93,3%
Mato Grosso do Sul	26	18	-30,8%
Minas Gerais	112	7	-93,8%
Pará	282	3	-98,9%
Paraíba	22	-	-
Paraná	267	88	-67,0%
Pernambuco	75	7	-90,7%
Piauí	27	-	-
Rio de Janeiro	925	538	-41,8%
Rio Grande do Sul	65	2	-96,9%
Rondônia	18	3	-83,3%
Roraima	5	1	-80,0%
Santa Catarina	62	20	-67,7%
São Paulo	856	254	-70,3%
Sergipe	94	1	-98,9%
Tocantins	15	11	-26,7%

Fonte: Adaptado de Cerqueira, et al., (2018, p. 30).



### 3.2.5 Violência Contra Negros

A desigualdade racial no país evidencia-se através das taxas de homicídios com uma concentração significativa entre os negros e pardos comparadas aos (brancos, amarelos e indígenas) (CERQUEIRA et al.,2018).

Enquanto o índice de homicídios de negros foi de 40,2% em 2016, no mesmo período a taxa dos não negros foi de 16,0%, e quando observada a taxa de homicídio de mulheres negras o índice alcançou 71% superior as não negras. Na tabela 5 observa-se que em Sergipe e Rio Grande do Norte estão com ao percentual acima de 70% na taxa de homicídios de negros, enquanto em São Paulo, Paraná e Santa Catarina são considerados os estados com menor índices de homicídios de negros (CERQUEIRA et al.,2018). Na Tabela 6, tem-se um comparativo das taxas de homicídios no período de 2006 a 2016.

**Tabela 7: Comparativo da Maior e Menor Taxa de Homicídios de Negros – 2006 a 2016**

<b>Maior taxa de homicídios de negros entre 2006 a 2016</b>	
Sergipe	79,0%
Rio Grande do Norte	70,5%
<b>Menores taxa de homicídios de negros entre 2006 a 2016</b>	
São Paulo	13,5%
Paraná	19,0%
Santa Catarina	22,4%

**Fonte: Adaptado de Cerqueira, et al., (2018, p. 41).**

Alguns estados do país apresentaram queda no índice de mortes de negros, o Espírito Santo com uma queda de 23,8%; Rio de Janeiro com 27,7% e a maior redução ocorreu em São Paulo com 47,7%, a cidade também se destaca pois o percentual de homicídios entre negros e não negros foi é aproximado de 13,5 e 9,1 %. O único estado a obter um índice maior de não negros foi o Paraná com 30,6% enquanto 19,0% para negros (CERQUEIRA et al.,2018).

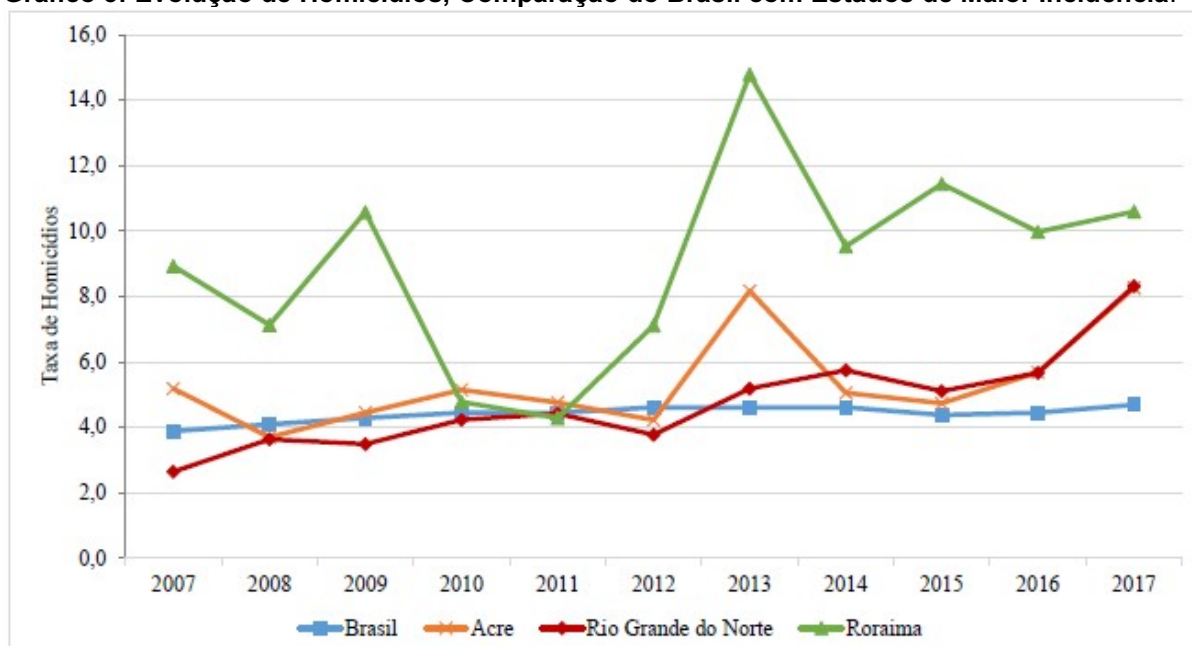
### 3.2.6 Violência Contra a Mulher

No ano de 2016, o total de mulheres assassinadas no Brasil foi de 4.645, representando um índice de 4,5 homicídios para cada 100 mil habitantes. As leis ainda não protegem a mulher contra a violência de gênero (CERQUEIRA et al., 2018).

No ano de 2017 no Brasil, ocorreram 4.936 mortes, apresentando o maior índice desde 2007, tendo uma média de 13 assassinatos por dia. Comparando com o ano de 2016, podemos observar um aumento significativo (CERQUEIRA et al., 2019).

No Gráfico 3, apresenta-se dados da evolução de homicídios, comparação do Brasil com os 3 estados com maior incidência no período de 2007 a 2017.

**Gráfico 3: Evolução de Homicídios, Comparação do Brasil com Estados de Maior Incidência.**



Fonte: Cerqueira, et al., (2019a, p.36).

Observa-se no Gráfico 3, uma crescente no estado de Roraima entre 2012 e 2013, estando atualmente ainda como o Estado com maior índice de homicídio contra a população feminina. As mulheres que se tornam vítimas fatais, já foram vítimas de outras violências, segundo Cerqueira et al., (2018, p.46), como: “violência psicológica, patrimonial, física ou sexual”.

### 3.2.7 Violência nas Escolas

Segundo Sposito (2012, p.1) muitos fenômenos educacionais não tem sido investigados, principalmente na sociedade contemporânea e dentre estes, o tema violência escolar, “Insuficientemente investigado, o assunto é complexo e deixa de ser fenômeno peculiar à sociedade brasileira”.

A violência dentro do espaço escolar tem apresentado uma crescente desde 1980, no entanto os registros não demonstram um dado confiável, pois cada gestão escolar acaba adotando métodos próprios com relação aos fenômenos e muito descumprem as determinações do Poder Público (IIJIMA, SCHROEDER, 2012).

Alguns dados apontam para uma mudança no comportamento da violência dentro da escola pública desde 1990, em que atos de vandalismo permanecem, acrescentado o exercício de agressões entre os estudantes, onde as ameaças e agressões verbais são assíduas, mesmo com medidas de intervenção dentro das escolas é difícil mediar estes fenômenos (SPOSITO, 2001).

Alguns estudos apontam que não são as escolas da periferia que concentram maior índice de violência, mas a separação de excluídos e incluídos dentro do processo de distribuição irregular da renda, resultando em dois mundos paralelos que desencadeiam para a violência que tem repercussão dentro do ambiente escolar Sposito (2012, p.4).

Outro importante fator está atrelado aos aspectos da história, cultura e política que traz desde o período colonial suas marcas, para Sposito:

[...] torna-se importante registrar que, certamente, este país - caracterizado não só pela desigualdade, mas pela existência de elites que privatizam a esfera pública e reiteram em suas práticas a ausência de direitos, fortalecendo a impunidade e da corrupção dos governantes - tende a ser uma sociedade que produz, ao mesmo tempo, a cultura da violência e a sua banalização. A banalização da violência, [...] produz consequências importantes no âmbito da unidade escolar ao estruturar formas diversas de sociabilidade que retiram o caráter eventual ou episódico de determinadas práticas de destruição ou de uso da força (SPOSITO, 2012, p.5).

De acordo com Sposito (2012), uma outra importante causa da violência nas escolas, independe da localização pois ocorre nos espaço urbanos da cidade.

Segundo Nesello (2014, p. 120) “a violência é inerente à existência humana

e manifesta-se de modo peculiar em espaços sociais distintos. Vista como fenômeno complexo e multifacetado, atinge gama variada de pessoas, grupos [...]”.

Pode-se observar as agressões que ocorrem dentro do espaço escolar na Tabela 7, apresenta um estudo feito com alunos em que 83,4% apresenta violência dentro da escola, 56,4% já viu alguém entrar com arma brana, 69,4% são agressões contra o patrimônio, na mesma tabela o estudo com professores apresenta 87,3% afirma a existência de violência dentro da escola, 93,3% presenciou episódio de discriminação, 34,4% são por brigas, 43,3% apresenta indisciplina.

**Tabela 8: Frequência da Violência Escolar no Brasil Segundo a Natureza do Evento.**

Natureza da violência escolar					
	Geral	Física	Psicológica	Contra o patrimônio/ Material	Sexual Bullying
Estudos com alunos	Existência de violência na escola (83,4%); Ver alguém entrando na escola com arma branca e/ou de fogo (56,4%)	-	-	Existência de furto na escola (69,4%)	-
	-	-	-	-	Testemunha (83,9%)
	-	-	Existência de preconceito (76,0%)	-	-
	Qualquer tipo de violência na escola (Vítima: 42,4%)	-	-	-	Testemunha (82,0%)
Estudos com professores	Presenciou episódio de briga (93,4%)	-	-	-	-
	-	-	Presenciou episódio de discriminação (93,3%)	-	-
	Existência de violência na escola (87,3%)	-	-	-	-
		Brigas (34,4%), agressões (30,1 %)	Indisciplina na sala de aula (43,3%), insultos (31,3%)	Roubo de material escolar (30,8%), depredação (29,6), pichação (35,5%)	

Fonte: Adaptado de Nesello, et al., (2014, p. 128).

### 3.3 ESPAÇO GEOGRÁFICO - UM BREVE CONCEITO

Para Santos (1978, p.151), definir espaço é uma tarefa difícil, pois é uma categoria ampla com inúmeros significados, e nenhuma definição é permanente, “sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social”.

Em seu livro por uma geografia nova (1978), Milton Santos coloca o conceito de espaço como algo central e entendido como a união de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e pelo alicerce das relações sociais que acontecem diante de nós e que se apresentam através de processos e funções. “O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças, cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz, de forma idêntica em todos os lugares” (SANTOS, 1978, p. 153).

Os itens que contituem o espaço geográfico é constantes, e o objeto considerado pelo geógrafo não se obtem de uma seleção. O espaço para os geógrafos faz uma análise de todos os objetos envolvidos de forma contínua, pois de outra forma não haveria sentido (SANTOS, 2006).

#### 3.3.1 Estratégias de Ensino em Geografia no Combate a Violência

Tendo a consciência de que a violência ocupa a sociedade atual, dentro do espaço escolar, como fora dele, e são inúmeras as razões comportamentais e sociais, que o elucidam, torna-se evidente a necessidade da busca de estratégias com comunidade escolar (SILVA; AZAMBUJA, 2016, p.7).

Segundo Balestreri e Araújo [20--] a criminalidade não pode ser resolvida somente pela força policial, pois ele não possui equipe suficiente, não têm condições de trabalho, falta estabelecimentos prisionais. Sugere que a redução da criminalidade está na eficiência da prevenção, e para que ela ocorra na nossa sociedade indica:

- Uma prevenção simples, somente no espaço escolar não resolve, pois a crianças precisam ser observadas em todas as fases do seu desenvolvimento;

- Deve haver uma interdisciplinariedade entre os serviços de assistência a criança como por exemplo: centro de educação formal e saúde mental.

A redução da criminalidade só será possível quando houver uma união das instituições, da “área educacional, da área de saúde, das instituições de proteção social e da polícia no combate ao crime agindo diretamente sobre suas causas” (BALESTRERI; ARAÚJO, [20--]).

A nossa sociedade, a família e a escola vem mudando ao longo do período da história, portanto a violência é um tema complexo que atinge o processo de ensino-aprendizagem, compreender parte deste processo complexo implica em estratégias dentro do ensino da disciplina para minimizar a violência e aumentar a aprendizagem significativa (SILVA; AZAMBUJA, 2016, p.7).

A escola tem um papel fundamental na construção de cidadãos críticos e que desempenham o seu papel dentro da sociedade, e busca certamente a igualdade entre os seres humanos em seus direitos e deveres (BALESTRERI; ARAÚJO, [20--]).

Segundo Silva e Azambuja (2016, p. 9), a educação precisa estar vinculada a princípios democráticos e solidários e relata:

Uma educação que prima pela inserção do jovem na sociedade e no mundo do trabalho, bem como pela qualidade e pelo bem-estar do educando deve estar atrelada a princípios democráticos e solidários vivenciando-os no espaço de atuação da instituição escolar. A construção dos conhecimentos geográficos escolares perpassa pela necessidade de se trabalhar com metodologias adequadas, que possam fazer sentido na formação global do aluno (SILVA; AZAMBUJA, 2016, p.9).

Com a elaboração de projetos democráticos que valorizam a escola, é possível formar cidadãos plenamente capazes de se posicionar diante de conflitos, sendo assim a escola cultivaria um ambiente que visa as relações humanas de valores sociais como: consideração, equidade e solidariedade (BALESTRERI; ARAÚJO, [20--]).

A escola deve buscar parcerias com a comunidade como por exemplo: a associação de pais, moradores, grupos de jovens, com o intuito de ampliar o seu local de vivência, tendo o estudante como um aliado e não como um oponente, pois o papel da escola está muito além de transmitir conhecimentos, mas de formar o sujeito (BALESTRERI; ARAÚJO, [20--]).

Os professores também devem trabalhar em conjunto, utilizando a interdisciplinaridade para a abordagem de temas importantes (SILVA; AZAMBUJA, 2016, p.10).

No estudo da geografia, direcionar o estudante a compreender sobre a sociedade da qual ele faz parte, considerando sempre o conhecimento prévio do estudante e a realidade que ele está inserido, demonstrando que a disciplina é muito mais do que o estudo do espaço, Araújo e Façanha (2018, p. 124) destacam que:

Um ensino que considere o aluno como fonte de conhecimento e ponto de partida para o debate do conteúdo se torna mais enriquecedor, ao abordar a realidade em que o aluno vive este se sente mais instigado a participar e se reconhece como sujeito da sociedade e do espaço. Os livros didáticos são produzidos em realidades distintas, e nem sempre tem a preocupação de trazer exemplos de lugares diferentes. É preciso então o professor realizar este trabalho de contextualização.

O ensino de geografia pode contribuir para entender a violência urbana, realizando discussões sobre o tema dentro do espaço escolar, principalmente a realidade dos estudantes que estão inseridos dentro deste processo (ARAÚJO e FAÇANHA, 2018, p. 124) .

De acordo com Rodrigues (2002, p.77 *apud* ARAÚJO; FAÇANHA 2018, p.129), durante as aulas de geografia deve-se apresentar aos estudantes muito mais do que apenas dados estatísticos, mas abordar assuntos como a violência em determinados grupos sociais e a violência praticada também pelo gênero.

A escola da atualidade precisa desempenhar um papel muito mais preventivo do que a que realmente tem praticado, no uso excessivo de regras que não estão totalmente claras, tornando-se repressora e autoritária. Ao criar as regras sozinhas, a escola permanece exercendo este papel autoritário, e a violência dentro do espaço escolar se torna óbvio (BALESTRERI; ARAÚJO, [20--]).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, constatou-se que a violência no Brasil, tanto nas metrópoles como também nas pequenas cidades está em constante crescimento, e que as suas causas são abrangentes.

Observa-se que existe um aumento nos índices de violência praticados por jovens entre 12 e 21 anos de idade uma sociedade excludente que lança a sua margem a maior parte de seus jovens, principalmente aqueles que são das classes menos favorecidas. Esta mesma sociedade não oferece a estrutura mínima para o desenvolvimento saudável destes jovens. O maior índice de óbitos também se encontra na juventude do sexo masculino, principalmente na região norte e nordeste do país.

O crescimento da cidade da capital do Paraná Curitiba, tem atraído muitos moradores de outros estados, o que acarretou em um aumento da violência na cidade.

Com relação aos dados coletados sobre a violência policial, ainda precisa aprimorar a coleta de dados, pois suas referências ainda não são exatas, observa-se também o uso da força excessiva nas periferias por força policial.

Diante de todo o quadro que a contemporaneidade tem apresentado, o espaço escolar não ficou de fora, os índices de violência dentro do ambiente escolar tem aumentado a cada ano, inicialmente com o vandalismo agora com o complemento das agressões físicas e verbais, com uma concentração maior nas periferias.

Portanto o professor de geografia possui um papel fundamental diante do quadro apresentado nesta pesquisa. Dentro de suas aulas deve realizar discussões do tema violência, levando em consideração o conhecimento prévio do estudante e a sua realidade. Desta forma irá promover a construção do pensamento crítico, levando os estudantes a compreender o contexto histórico a que são submetidos socialmente, além de torná-los cidadãos conscientes, visando a redução dos dados estatísticos de violência urbana, que lamentavelmente estão ainda em crescimento.



## REFERÊNCIAS

ABREU, L. C. G. **Violência Urbana em Curitiba**. 2012, 54f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Sociologia Política) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45447>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ALBUQUERQUE, F. **Quais são os bairros mais violentos e os mais pacíficos de Curitiba?** Gazeta do Povo, 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/politica/parana/quais-sao-os-bairros-mais-violentos-e-os-mais-pacificos-de-curitiba-67vj6n8pbgagu20aj6y3zhned/>>. Acesso em: 02 out. 2019.

ARAÚJO, F.J.S.; FAÇANHA, A.C. Geografia, prática docente e violência urbana. **Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia -Para Onde!?**. Porto Alegre, v.10, n.1, p.122-131, 2018. Edição Especial: XII. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/paraonde/issue/view/3552>>. Acesso em: 28 jul.2020.

BALESTRERI, R; ARAÚJO, R. M. **Prevenção da violência**: A criminologia possui a função de explicar e prevenir o crime, reflexão sobre os controles sociais formais e informais. Brasil escola [20--?]. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/sociologia/prevencao-violencia-1.htm>>. Acesso em: 09 agos. 2020.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência, Ipea e FBSP**. Rio de Janeiro, 2018. 93f. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2019.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência, Ipea e FBSP**. Rio de Janeiro, 2019a. 116f. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CERQUEIRA, D. et al., **Atlas da Violência, Ipea e FBSP, Retratos dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, 2019b. 52f. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/21/atlas-da-violencia-dos-municipios-brasileiros-2019>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CHESNAIS, J. C. **A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua prevenção**. Ciência saúde coletiva. 1999, vol.4, n.1, pp.53-69. ISSN 1678-

4561. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-81231999000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-81231999000100005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 06 jun. 2020.

COSTA, M. R. **A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?**. São Paulo Perspec. 1999, vol.13, n.4, pp.3-12. ISSN 0102-8839. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a01.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2019.

**Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 06 de mai. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991. 175 p.  
GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social**. Tempo soc. 1998, vol.10, n.1, pp.105-119. ISSN 0103-2070. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010320701998000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010320701998000100007&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 05 out 2019.

IJIMA, D.W, SCHROEDER, T.M. Pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Travessias**. Cascavel, v.6, n.3, 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/7131>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Análise de segurança pública – Locais de ocorrência de crimes, 2010**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/#>>. Acesso em: 02 out. 2019.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Nosso Bairro/Portão**. Curitiba: IPPUC,2015. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/27-Port%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2019.

MODENA, M.R et al. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: EducS, 2016. p.8. Disponível em: <[https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas\\_2.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MORAIS, D. et al. Ondas ultrassônicas: teoria e aplicações industriais em ensaios não-destrutivos. **Revista Brasileira de Física Tecnológica Aplicada**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 16-33, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbfta/article/view/5073>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

NESELLO, F et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. 2014. vol.14, n.2. Recife. 119-136 abr. Jun. 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v14n2/1519-3829-rbsmi-14-02-0119.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Ed. USP, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Ed: USP, 2006.

SILVA, E. M.; AZAMBUJA, L. D. Violência escolar: uma reflexão geográfica do tema no contexto do Colégio Estadual Presidente Kennedy de Maringá - Paraná. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 2016. Governo do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SESP. Infografia: Gazeta do Povo. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/politica/parana/quais-sao-os-bairros-mais-violentos-e-os-mais-pacificos-de-curitiba-67vj6n8pbgagu20aj6y3zhned/>>. Acesso em 03 out. 2019.

SOARES, A.M.C. O acúmulo da violência e da criminalidade na sociedade brasileira e a corrosão dos direitos humanos. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v.2, n.3, p. 161-189, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

SPOSITO, M.P. **A Instituição escolar e a violência**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/view>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

SPOSITO, M.P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007)>. Acesso em: 12 jun. 2020.